



A AUTONOMIA RELATIVA DA LÍNGUA E O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL

THE RELATIVE AUTONOMY OF LANGUAGE (LANGUE) AND COURSE IN GENERAL LINGUISTICS

Edmundo Narracci Gasparini¹

Resumo: Ao forjar sua teoria do discurso em *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio, Michel Pêcheux refere-se, a partir de Paul Henry, à autonomia relativa do sistema linguístico ao propor a distinção entre base linguística e processo discursivo. A autonomia da língua é relativa porque, conforme indica Pêcheux, a separação entre base linguística e processo discursivo não pode ser definida de uma vez por todas, ela é submetida a uma transformação histórica por um efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua. Argumentamos aqui que a perspectiva delineada por Michel Pêcheux, de acordo com a qual há uma distinção entre base linguística (dotada de uma autonomia relativa) e processos discursivos (que exercem um efeito de retorno sobre a base linguística) corresponde a uma atualização da discussão saussuriana acerca da relação entre os pontos de vista sincrônico e diacrônico, de acordo com a qual há, entre sincronia e diacronia, autonomia e interdependência. O trabalho aponta, portanto, para uma inusitada consonância entre as elaborações de Pêcheux em *Semântica e Discurso* e a discussão saussuriana sobre sincronia e diacronia, a despeito da crítica explícita tecida por Pêcheux ao conceito saussuriano de fala.

Palavras-chave: Língua. Processo discursivo. Autonomia relativa. Sincronia. Diacronia.

Abstract: In forging his theory of discourse in *Language, Semantics and Ideology*, Michel Pêcheux, based upon Paul Henry, refers to the relative autonomy of the linguistic system by proposing a distinction between linguistic base and discursive process. The autonomy of language (*langue*) is relative because, as Pêcheux points out, the separation between the linguistic base and the discursive process cannot be defined once and for all; it is subject to historical transformation through the return effect of discursive processes upon language (*langue*) itself. We argue here that the perspective outlined by Michel Pêcheux, according to which there is a distinction between a linguistic base (endowed with relative autonomy) and discursive processes (which exert a return effect upon the linguistic base), corresponds to a renewal of the Saussurean discussion on the relationship between the synchronic and diachronic points of view, according to which there is both autonomy and interdependence between synchrony and diachrony. The study thus points to an unexpected consonance between Pêcheux's elaborations in *Language, Semantics and Ideology* and the Saussurean discussion on synchrony and diachrony, despite Pêcheux's explicit critique of the Saussurean concept of *parole* (speech).

Keywords: *Langue*. Discursive Process. Relative autonomy. Synchrony. Diachrony.

Introdução

Em *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio, a elaboração de uma teoria do discurso por Michel Pêcheux é feita juntamente a uma discussão fundamental sobre

¹ Doutor em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). Professor do Departamento de Letras, Artes e Cultura do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Coordenador do Grupo de Pesquisa Neoliberalismo em Discurso.

a própria Linguística. Tecendo uma crítica à Semântica assim como teorizada pelo marxista Adam Schaff, para quem a Semântica seria evidentemente um ramo da Linguística (assim como o são a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe), Pêcheux faz uma indicação digna de nota: a Semântica tomada como parte da Linguística constitui o ponto nodal das contradições que atravessam a Linguística e a organizam sob a forma de tendências / direções de pesquisa que manifestam e encobrem estas contradições. E acrescenta: “se a Semântica constitui para a Linguística tal ponto nodal, é porque é nesse ponto, e mais frequentemente sem reconhecê-lo, que a Linguística tem a ver com a *Filosofia* (e, como veremos, com a *ciência das formações sociais* ou *materialismo histórico*” (Pêcheux, 1988, p. 20).

Segundo Pêcheux, portanto, a Linguística tem a ver com a Filosofia. Ao longo de *Semântica e Discurso*, o autor refere-se à “filosofia espontânea da Linguística” (Pêcheux, 1988, p. 72), identificando aí o núcleo filosófico do idealismo. Traçando um panorama histórico que aborda desde a filosofia clássica até as filosofias da subjetividade (séculos XIX e XX), passando pela filosofia do século XVIII, Pêcheux indica que “os diferentes elementos históricos que identificamos se encontram re-incorporados, com acentuações e alternâncias, nas teorias semânticas atuais” (Pêcheux, 1988, p. 62). Para o autor, tais teorias se fundamentam neste “antigo terreno” (Pêcheux, 1988, p. 62); há, conforme Pêcheux, “um trajeto que, *em seu próprio desenvolvimento*, parece condenado a voltar indefinidamente sobre seus próprios passos...” (Pêcheux, 1988, p. 63, grifo do autor). Cumpre acrescentar que a posição filosófica do idealismo corresponde, para Michel Pêcheux, à própria ideologia em funcionamento no campo da reflexão filosófica. Portanto, afirmar que a Semântica (como ramo da Linguística) se apoia sobre a filosofia idealista implica identificar, no âmbito dos estudos semânticos, os efeitos do funcionamento da ideologia. É nessa perspectiva que, segundo Pêcheux, a Semântica pressupõe uma “teoria universal das ideias”, perspectiva com a qual a teoria do discurso elaborada por Pêcheux busca romper.

Importa destacar que a intervenção de Pêcheux no campo da Linguística é uma forma de fazer trabalhar as contradições que a atravessam. Não para apagá-las, como diz Pêcheux, “mas para contribuir para o desenvolvimento dessa contradição sobre uma base material no interior do materialismo histórico” (Pêcheux, 1988, p. 22). É nesse sentido que a Linguística, conforme indicamos acima a partir de Pêcheux, tem a ver com o Materialismo Histórico e com a filosofia materialista. Para Pêcheux, fazer trabalhar estas contradições é uma forma de engajamento na “luta filosófica (luta de classes na teoria)” (Pêcheux, 1988, p. 294), luta que

se desdobra entre a filosofia materialista e a filosofia idealista, luta sem fim no “campo de batalha filosófico” (Pêcheux, 1988, p. 294).

Conforme indicamos acima, a Semântica considerada como ramo da Linguística constitui o ponto nodal das contradições que a atravessam e a organizam sob a forma de tendências e direções de pesquisa. Pêcheux refere-se à tendência formalista-logicista, organizada em torno de Chomsky e das teorias gerativas; à tendência histórica, articulada às teorias da variação linguística; e, por fim, à linguística da fala / da enunciação / da performance, que “desemboca em uma linguística do estilo como desvio, transgressão, ruptura” (Pêcheux, 1988, p. 21). Conforme indica Pêcheux, é a tendência formalista que domina as outras duas, é em relação a ela que as outras duas se caracterizam, se amparando nela para dela se separar: “ambas estão ligadas a ela [à tendência formalista] para dela se separar” (Pêcheux, 1988, p. 22).

Pêcheux indica que a contradição que opõe a tendência formalista às outras duas tendências assume uma forma explícita: entre sistema linguístico e determinações não-sistêmicas que se opõem ao sistema e nele intervêm: “a ‘língua’ como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à ‘história’ e aos ‘sujeitos falantes’ e essa contradição molda atualmente as pesquisas linguísticas sob diferentes formas” (Pêcheux, 1988, p. 22). E acrescenta: “É no interior desse trabalho que o presente estudo visa intervir, não para abrir a via mítica de uma *quarta tendência* que ‘resolveria’ a contradição (!), mas para contribuir para o desenvolvimento dessa contradição sobre uma base material no interior do materialismo histórico” (Pêcheux, 1988, p. 22, grifo do autor).

Assim, não se trata de resolver a contradição que atravessa a Linguística, mas fazê-la trabalhar. Tampouco se trata, para Pêcheux, de opor as “variações da performance” / a “pluralidade de níveis de comunicação” / as “diferentes modalidades de ‘interação social’ à ‘abstração gramatical’”. Com *Semântica e Discurso*,

[...] Não se trata, pois, de um ensaio de sócio-linguística “marxista” com tendência a uma espécie de revanche do concreto, que oporia as variações empíricas da performance, a pluralidade de níveis de comunicação, as diferentes modalidades de “a interação social”, etc. ... à abstração gramatical: um artigo recente (Gadet, 1977) critica de maneira notável as próprias bases do projeto sócio-linguístico (que não cessa de se desenvolver desde o início dos anos 70), ao evidenciar aí uma teoria psicossocial do comportamento linguístico, que funda uma metodologia correlacionista e desemboca numa concepção profundamente reformista da política. Trata-se, no presente trabalho, de compreender como aquilo que hoje é *tendencialmente* ‘a mesma língua’, no sentido linguístico desse termo, autoriza funcionamentos de ‘vocabulário-sintaxe’ e de ‘raciocínios’ antagonistas; em suma, trata-se de pôr em movimento a contradição que atravessa a tendência

formalista-logicista sob as evidências que constituem a sua fachada. (Pêcheux, 1988, p. 26).

A menção à língua como sendo “tendencialmente a mesma” reveste-se de importância para a reflexão desenvolvida aqui, sendo um ponto fundamental na intervenção de Pêcheux no campo da Linguística. A este respeito, vale trazer o que Pêcheux afirma sobre a tendência formalista: ela “se dá” seu objeto “sob a forma geral da língua (ou da gramática)” (Pêcheux, 1988, p. 23), a língua não sendo histórica na medida em que é um sistema (ou uma estrutura). Por seu turno, a tendência histórica coloca a questão das transformações “do objeto que a tendência formalista ‘se dá’ como primeiro” (Pêcheux, 1988, p. 23), as transformações pensadas aí como “influência dos fatores sociais” na língua. Em ruptura com estas duas tendências, Pêcheux aponta para a língua como “tendencialmente a mesma”, por um lado, e para “funcionamentos antagonistas” de “vocabulário-sintaxe” e de “raciocínios”, por outro.

O que está em jogo aqui não é senão a distinção entre base linguística e processo discursivo, distinção fundamental para a teoria do discurso elaborada por Pêcheux. Conforme indica o filósofo,

O que a leitura da primeira parte poderá talvez ter acrescentado ao linguista (a menos que ele tenha simplesmente confirmado alguns de seus preconceitos) é que esses mecanismos linguísticos [a oposição entre explicação e determinação; a oposição entre situação e propriedade] constituíam também o pano de fundo de uma reflexão “filosófica”, cujos desenvolvimentos ele pôde acompanhar através das questões da referência, da determinação e da enunciação. Dizemos que esses dois elementos (a um só tempo, fenômenos linguísticos e lugares de questões filosóficas) pertencem à região de articulação da Linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, que, por sua vez, é parte da ciência das formações sociais: o sistema da *língua* é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*: a língua se apresenta, assim, como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que, como mostramos mais acima, os processos ideológicos simulam os processos científicos. Vamos nos deter um pouco na distinção língua/discurso, para explicitar sua significação. Ao opor *base linguística* e *processo discursivo*, inicialmente estamos pretendendo destacar que, como foi apontado recentemente por P. Henry, todo sistema linguístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma *autonomia relativa* que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Linguística. É, pois, *sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos*, e não enquanto expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva, etc., que utiliza “acidentalmente” os sistemas linguísticos. (Pêcheux, 1988, p. 91).

A partir da distinção entre base linguística e processo discursivo é possível abordar com o devido cuidado a intervenção de Pêcheux no campo da Linguística. A base linguística não é, segundo Pêcheux, uma “abstração gramatical”, ela não pode ser delimitada a priori como um “já dado” – eis o que a tendência formalista faz: “se dá” seu objeto sob a forma geral da “língua”. Na oposição entre base linguística e processo discursivo, Pêcheux – em ruptura tanto com a tendência formalista (que “se dá” a língua como objeto primeiro, objeto que não é histórico na medida em que é um sistema / uma estrutura) quanto com a tendência histórica (que aborda a “influência de fatores sociais” no objeto que a tendência formalista “se dá” como primeiro) – aborda a língua como “tendencialmente a mesma”. Isto se relaciona à indicação, na citação acima, de que a base linguística, em oposição ao processo discursivo, é dotada de uma autonomia relativa que a submete a leis internas (fonológicas, morfológicas, sintáticas), abordáveis no campo da Linguística.

É preciso compreender de forma precisa porque a autonomia do sistema linguístico é relativa. A autonomia da língua – relacionada à sua estrutura fonológica, morfológica e sintática – é relativa porque, conforme indica Pêcheux (1988), a separação entre base linguística e processo discursivo não pode ser definida de uma vez por todas, ela é submetida a uma transformação histórica por um efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua. Nesse sentido, e ainda conforme Pêcheux (1988), a teoria dos discursos abre um campo de questões aos linguistas, sobre o problema da definição das margens e limites da língua:

Dissemos mais acima (cf. p. 93) que a separação língua/discurso não era fixada *ne varietur* mas era submetida a uma transformação histórica por um efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua. Nesse sentido, a “teoria do discurso”, apesar de embrionária, nos parece abrir “novos campos de questões” aos linguistas, mesmo que seja apenas com respeito ao problema da definição das *margens e limites do objeto linguístico*. (Pêcheux, 1988, p. 184).

O limite de autonomia do sistema é, portanto, historicamente variável, conforme indica Pêcheux (1988, p. 177). Ou, segundo afirma Paul Henry em *Construções relativas e articulações discursivas*, “as fronteiras entre o que separa o que releva da autonomia relativa da língua e o que releva da determinação [dos] discursos ‘concretos’ face às formações discursivas, no sentido que definimos acima, não podem ser assinalados [sic] a priori” (Henry, 1990, p. 58). O limite de autonomia do sistema é, portanto, historicamente variável. É nesse sentido que há, conforme Pêcheux (1988, p. 177), uma “ascendência dos processos

ideológico-discursivos sobre o sistema da língua e o limite de autonomia, historicamente variável, desse sistema”.

A esse respeito, nota-se em *Semântica e Discurso* um deslocamento considerável em relação às elaborações de Pêcheux sobre a relação entre língua e discurso em *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). No texto de 1969, Pêcheux indica que uma abordagem dos processos discursivos demanda “o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o ‘fundo invariante da língua’ (essencialmente: a sintaxe como fonte de coerções universais)” (Pêcheux, 1997, p. 74-75). Trata-se aí de opor processos de produção particulares (isto é, processos discursivos distintos), por um lado, e a língua como “fundo invariante”, as “coerções universais” da sintaxe, por outro. Contudo, se em 1969 a língua desponta como “invariante” sujeita a coerções universais de ordem sintática, em *Semântica e Discurso* a língua comparece como base linguística que é “tendencialmente a mesma”, sujeita a “uma transformação histórica por um efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua” (Pêcheux, 1988, p. 184).

Feitas estas considerações iniciais, já bastante prolongadas, a questão que eu gostaria de discutir aqui é a seguinte: afirmar que a língua, em oposição aos processos discursivos, é dotada de uma autonomia relativa – isto é, apontar para a impossibilidade de separar de forma definitiva e permanente base linguística e processos discursivos – estaria em consonância com apontamentos presentes no *Curso de Linguística Geral*, mais particularmente com a discussão que aí se faz sobre os pontos de vista sincrônico e diacrônico? Revelar-se-ia assim, no que se refere à discussão feita por Pêcheux (1988) sobre a autonomia relativa da língua, uma inusitada consonância entre Pêcheux e Saussure? Apesar das críticas explícitas que o próprio Pêcheux tece ao conceito saussuriano de fala, de acordo com as quais a fala corresponderia ao “ponto de fragilidade do edifício saussuriano” (Pêcheux, 1988, p. 245)?

A autonomia relativa da língua e o *Curso de Linguística Geral*

Voltemo-nos ao *Curso de Linguística Geral*, portanto. No âmbito da definição da língua como objeto da Linguística – a língua sendo tomada como sistema, como “a parte social da linguagem, externa ao indivíduo” (Saussure, 2021, p. 58), em oposição à fala, “um

ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 2021, p. 57)² –, desenha-se a distinção radical entre o “eixo das simultaneidades”, referido às “relações entre coisas coexistentes” (Saussure, 2021, p. 131), ao “sistema de valores considerados em si” (Saussure, 2021, p. 132), isto é, o eixo da sincronia, e o “eixo das sucessividades”, onde se situam os elementos do primeiro eixo com suas mudanças, isto é, o eixo da diacronia. Conforme encontramos no *Curso*, “sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (Saussure, 2021, p. 133).

A intervenção do fator tempo situa a Linguística “diante de dois caminhos *absolutamente divergentes*” (Saussure, 2021, p. 131, grifo nosso). Na cisão da Linguística em duas partes, desenha-se uma diferença irreduzível entre sincronia e diacronia, uma “*antinomia radical* entre o fato evolutivo e o fato estático” (Saussure, 2021, p. 142, grifo nosso): “todas as noções relativas a um e a outro [pontos de vista] são, na mesma medida, *irreduzíveis* entre si” (Saussure, 2021, p. 142, grifo nosso). Conforme consta no *Curso de Linguística Geral*, há “*absoluta necessidade* de distinguir na linguística as duas ordens de fenômenos” (Saussure, 2021, p. 141, grifo nosso), pois “o fenômeno sincrônico nada tem em comum com o diacrônico: aquele é uma relação entre elementos simultâneos; este, a substituição de um elemento por outro no tempo, um evento” (Saussure, 2021, p. 142).

Contudo, se por um lado há oposição radical entre sincronia e diacronia, há também “*cruzamento* de duas ordens de fenômenos distintos relativos ao mesmo objeto” (Saussure, 2021, p. 133, grifo nosso). Assim, “Na perspectiva diacrônica, lida-se com fenômenos que não têm relação alguma com os sistemas, *embora os condicionem*” (Saussure, 2021, p. 137, grifo nosso). Portanto, se por um lado há “*absoluta necessidade* de distinguir na linguística as duas ordens de fenômenos” (Saussure, 2021, p. 141, grifo nosso), fazer valer tal distinção, isto é, separar sincronia de diacronia, não é uma operação simples. Vejamos a seguinte indicação, presente na seção do *Curso de Linguística Geral* que se propõe a definir a língua:

A cada instante a linguagem implica, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução; a cada momento, é uma instituição atual e um produto do passado. Parece à primeira vista muito simples distinguir entre esse sistema e sua história, entre o que ele é e o que ele foi; na realidade, a relação que une essas duas coisas é tão estreita que penamos para separá-las. A questão ficaria mais simples se considerássemos o fenômeno linguístico em suas origens, se, por exemplo, começássemos estudando a linguagem das crianças? Não, pois é uma ideia muito falsa acreditar que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sai do círculo, portanto. (Saussure, 2021, p. 51-52, grifos nossos).

² Voltaremos à oposição saussuriana entre língua (social) e fala (individual) adiante neste trabalho.

Há entre sincronia e diacronia uma relação “estrita”, tão estreita que é “penoso” separá-las. Conforme lemos no *Curso*, “Como [...] essas duas ordens de fenômenos *se acham estreitamente ligadas entre si, uma condicionando a outra*, acaba-se por acreditar que não vale a pena distingui-las” (Saussure, 2021, p. 148-149, destaque meu). Trata-se, creio, de um verdadeiro nó entre sistema e história, entre a língua e suas transformações ao longo do tempo. A discussão sobre linguística estática e linguística evolutiva nos permite vislumbrar esse nó, essa contradição, vislumbrar “ao mesmo tempo a autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico” (Saussure, 2021, p. 139).

Voltemos à pergunta elaborada anteriormente: propor que a língua seja dotada de uma autonomia relativa, ou seja, afirmar que é impossível separar de forma definitiva base linguística e processos discursivos, uma vez que há “efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua” (Pêcheux, 1988, p. 184), estaria em consonância com a discussão sobre “a autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico” (Saussure, 2021, p. 139) no *Curso de Linguística Geral*? A meu ver, assim como Pêcheux rompe tanto com o formalismo lógico quanto com a tendência histórica no âmbito da Linguística ao postular a autonomia relativa da língua, o nó entre sincronia e diacronia, assim como desenhado no *Curso*, também se encontra em ruptura tanto com a tendência formalista quanto com a tendência histórica. Pois não se trata, no âmbito do *Curso de Linguística Geral*, de “se dar” a língua como objeto primeiro, objeto que não é histórico na medida em que é um sistema (conforme a tendência formalista); tampouco se trata, no *Curso*, de abordar a “influência de fatores sociais” em um objeto “dado” como primeiro. Nesse sentido, a própria Linguística, cuja condição de possibilidade é o deslocamento saussuriano, estaria aquém de Saussure...

A meu ver, o ponto de ruptura entre Saussure e as tendências formalista e histórica na Linguística é justamente a simultaneidade da “autonomia” e da “interdependência” do sincrônico e do diacrônico: o fato de que haja interdependência entre as duas perspectivas não impede que a língua seja abordada na perspectiva sincrônica como sistema. Ou seja, se a língua se transforma ao longo do tempo, apesar de suas transformações é possível fazer um recorte de forma a tomá-la em sua sistematicidade, mas isso é sempre feito “a cada instante”, “a cada momento”, conforme vislumbramos no *Curso*: “*A cada instante* a linguagem implica, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução; *a cada momento*, é uma instituição atual e um produto do passado (Saussure, 2021, p. 51-52, grifos nossos). Ou, conforme Pêcheux (1988) indica, a língua é “tendencialmente a mesma”.

Pode ser relevante recuperar aqui o que consta nos *Escritos de Linguística Geral*³ a respeito do mecanismo da língua: “O mecanismo da língua – considerado sempre EM UM MOMENTO DADO, que é a única maneira de estudar esse mecanismo – será, um dia, estamos persuadidos disso, reduzido a fórmulas relativamente simples” (Saussure, 2012, p. 43, maiúsculas do autor). Em minha leitura, indicar que o mecanismo da língua é algo a ser considerado sempre “EM UM MOMENTO DADO” (Saussure, 2012, p. 43, maiúsculas do autor) é consonante com a questão da autonomia relativa da língua (Pêcheux, 1988; Henry, 1990): o limite entre língua e processo discursivo não pode ser definido de uma vez por todas; a base linguística, espaço onde os processos discursivos exercem suas determinações de sentido, é dotada de uma autonomia relativa, isto é, a base é sempre uma construção (feita no âmbito da Linguística) que se faz *a cada instante*, estando, portanto, sujeita à variação, uma vez que admitimos o efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua (Pêcheux, 1988). A base linguística – em sua distinção com os processos discursivos – só poderia ser formulada, portanto, “EM UM MOMENTO DADO” (Saussure, 2012, p. 43, maiúsculas do autor), o que aponta justamente para sua autonomia relativa.

As considerações sobre os elementos externos e internos da língua no *Curso de Linguística Geral* podem vir a nosso auxílio. Vislumbramos aí o mesmo nó entre sincronia e diacronia. Lê-se no *Curso* que a definição de língua demanda que descartemos dela “tudo o que é estranho a seu organismo; numa palavra: tudo o que se designa pelo termo de ‘linguística externa’. Essa linguística, entretanto, se ocupa de coisas importantes” (Saussure, 2021, p. 66). O externo remete, dentre outros elementos, à história de uma raça / civilização: “Essas duas histórias [a história de uma língua e a história de uma raça / civilização] se mesclam e mantêm relações recíprocas” (Saussure, 2021, p. 66); remete também aos “costumes de uma nação”, que “têm um reflexo sobre a língua e, por outro lado, é em grande medida a língua que faz a nação” (Saussure, 2021, p. 66); remete igualmente à história política: “Grandes fatos históricos, como a conquista romana, tiveram um impacto incalculável sobre uma profusão de fatos linguísticos” (Saussure, 2021, p. 66). O nó que supomos existir entre a perspectiva sincrônica e a perspectiva diacrônica pode ser vislumbrado aqui se levarmos em conta que, a despeito das relações entre língua e fatores

³ Os *Escritos de Linguística Geral* são compostos de textos escritos por Saussure, descobertos em 1996. Contrastam com o *Curso de Linguística Geral*, escrito a partir de notas de alunos do linguista genebrino. A despeito de tal contraste, consideramos tanto os *Escritos* como o *Curso* fontes fundamentais para uma compreensão do conjunto das reflexões saussurianas.

“externos”, “a separação dos dois pontos de vista [interno e externo] se impõe e quanto mais rigorosamente a observarmos melhor será” (Saussure, 2021, p. 68).

Portanto, levar em conta a mudança linguística do sistema, ao mesmo tempo em que se afirma a absoluta necessidade de distinguir entre o estudo da mudança no eixo do tempo e o estudo do sistema, assim como se faz no *Curso de Linguística Geral*, articula-se àquilo que será nomeado como autonomia relativa da língua (Pêcheux, 1988; Henry, 1990). A tese que avanço aqui é que postular a ideia de uma autonomia relativa, assim como o faz Pêcheux em *Semântica e Discurso*, é atualizar uma discussão feita no *Curso de Linguística Geral* sobre a “autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico” (Saussure, 2021, p. 139). O que nos leva a vislumbrar uma inusitada consonância entre Pêcheux e Saussure. A despeito da crítica explícita que Pêcheux (1988) tece ao *Curso de Linguística Geral*, particularmente ao que Pêcheux lê como uma circularidade ideológica entre língua e fala advinda do corte saussuriano... Abordaremos tal crítica adiante.

Deve-se, contudo, apontar para os limites da relação que tentamos estabelecer aqui ⁴. Se, de fato, encontramos no *Curso* indicações sobre o sistema linguístico como passível de mudança sob os efeitos da história no eixo do tempo, não se deve perder de vista as diferenças entre as elaborações de Pêcheux e de Saussure. No *Curso*, vislumbramos um sistema linguístico passível de afetação pela história no que se refere às transformações do sistema no eixo diacrônico – vide as considerações sobre os elementos internos e externo da língua, que abordamos acima; vide, também, as elaborações acerca dos efeitos do “estado geral da nação num dado momento” (Saussure, 2021, p. 215) sobre as mudanças na língua. Por sua vez, em *Semântica e Discurso* os efeitos da historicidade na língua são abordados por Pêcheux de forma bastante precisa: trata-se, para o filósofo, de um “efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua” (Pêcheux, 1988, p. 184), dada a distinção entre processo discursivo e base linguística traçada por Pêcheux. A despeito de tal limitação, a tese que avançamos aqui é a de que a “autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico” (Saussure, 2021, p. 139) é consonante com a proposta de uma autonomia relativa da base linguística (Pêcheux, 1988; Henry, 1990).

Abordemos agora a crítica feita por Pêcheux (1988, p. 245) à “noção saussuriana de *fala*”. Conforme o autor,

⁴ Esse ponto foi sugerido por Fábio Ramos Barbosa Filho, a quem agradeço pela contribuição.

a noção saussuriana de *fala* constituía justamente “o mais fraco elo” do dispositivo científico estabelecido sob a forma do conceito de *língua*: a *fala* não é de modo algum o conceito de um elemento contraditório dialeticamente ligado ao conceito de língua, e todas as acrobacias teóricas nada poderão mudar nesse particular; a *fala* saussuriana é, bem ao contrário, o autêntico tipo de anticonceito, um puro excipiente ideológico que vem “completar”, por sua evidência, o conceito de língua, portanto um tapa-buraco, um remendo que oculta a “lacuna” aberta pela definição científica da língua como sistematicidade em funcionamento. Isso não significa evidentemente que estamos imputando a F. de Saussure sabe Deus qual responsabilidade teórica em relação a um “erro” que ele tivesse que evitar, queremos apenas designar o ponto de fragilidade do edifício saussuriano, sua fenda constitutiva, o lugar central em que o pensamento saussuriano foi transbordado e recoberto pelo impensado, do qual, em outros aspectos, esse pensamento se separava; resumiremos o que foi exposto por uma constatação:

Constatação 2: *A oposição entre sistema da língua e fala do sujeito-falante é a contradição da qual vive a Linguística desde Saussure, e acrescentaremos que essa oposição é a retomada deslocada das oposições pré-saussurianas entre lógica da razão e retórica das posições, de um lado, e entre existência da língua e uso da língua, de outro.* (Pêcheux, 1988, p. 245).

Segundo Pêcheux (1988), portanto, a fala saussuriana correspondente ao “ponto de fragilidade do edifício saussuriano” (p. 245), é o “mais fraco elo” (p. 245) deste edifício, correspondendo a um elemento através do qual o pensamento saussuriano teria sido “recoberto pelo impensado”, sendo assim efeito da ideologia na teorização (a fala seria um “excipiente ideológico”, segundo indica o autor). A oposição entre língua (como sistema) e fala (do sujeito-falante), a nos guiarmos pelas elaborações de Pêcheux (1988), “é a contradição da qual vive a Linguística desde Saussure” (p. 245).

Pêcheux (1988, p. 60) refere-se a um efeito paradoxal do corte saussuriano, indicando que “esse corte determina paradoxalmente um reforço das ilusões substancialistas e subjetivistas no domínio da Semântica, sob a forma do par ideológico criatividade/sistema”. O autor pontua, retomando um elemento da argumentação desenvolvida no texto *A Semântica e o corte saussuriano*: língua, linguagem, discurso, escrito junto a Paul Henry e Claudine Haroche, que a ruptura saussuriana possibilitou a constituição da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe, mas não pôde evitar um retorno ao empirismo em Semântica. A Fonologia é, assim, tomada como uma espécie de modelo para os estudos em Semântica, conforme indica a crítica de Pêcheux (1988) e a de Pêcheux, Haroche e Henry (2007).

A crítica de Pêcheux a Saussure se estende à forma como a analogia é abordada no âmbito do *Curso de Linguística Geral*. Conforme indica Pêcheux (1988), na discussão sobre criação analógica no *Curso*,

Saussure deixou aberta uma porta pela qual se infiltraram o formalismo e o subjetivismo; essa porta aberta é a *concepção saussuriana de que a ideia só poderia ser, em todo seu alcance, subjetiva, individual*. De onde a oposição da subjetividade criadora da fala à objetividade sistemática da língua, oposição que tem as propriedades circulares de um par ideológico (Pêcheux, 1988, p. 60, grifo do autor)

Creio que há uma questão a ser discutida aqui pois, ao contrário do que Pêcheux (1988) afirma – afirmação que ecoa a discussão sobre a criação analógica no *Curso* feita por Pêcheux, Haroche e Henry no texto mencionado acima –, a criação analógica assim como pensada no *Curso* não coloca em cena uma liberdade do falante, mas sim o fato de que “a criação analógica pode ser considerada uma criação que não é feita senão a partir das possibilidades fornecidas pela língua” (Gasparini, 2016, p. 69). Em trabalhos anteriores (Gasparini, 2016, 2018, 2021) indiquei, em contraposição à discussão feita por Pêcheux (1988) e por Pêcheux, Haroche e Henry (1990) sobre a criação analógica, que as elaborações sobre a analogia feitas no *Curso de Linguística Geral* apontam para a analogia como criação que não remete a uma “subjetividade criadora da fala” (Pêcheux, 1988, p. 60), mas mais fundamentalmente à dependência da fala em relação à língua. Conforme lemos no *Curso*,

[...] tudo é gramatical na analogia, mas acrescentemos de imediato que a criação que dela resulta só pode pertencer inicialmente à fala; é obra ocasional de um sujeito isolado. É nessa esfera e à margem da língua que convém reconhecer o fenômeno a princípio. Entretanto, é preciso distinguir aí duas coisas:

- (1) A compreensão da relação que une entre si as formas geradoras;
- (2) O resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. Somente este resultado pertence à fala.

A analogia nos ensina, portanto, uma vez mais, a separar a língua da fala (ver p. 62 ss.), nos mostra a segunda dependente da primeira e nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico, tal como descrito na p. 188. Toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua em que as formas geradoras são enfileiradas segundo suas relações sintagmáticas e associativas. (Saussure, 2021, p. 233)

Portanto, a discussão sobre criação analógica no *Curso de Linguística Geral* permite vislumbrar não tanto a fala como espaço de uma “subjetividade criadora” (Pêcheux, 1988, p. 60), mas antes a fala na dependência da língua, na medida em que a criação analógica não é feita senão a partir das possibilidades fornecidas pelo sistema linguístico. Pois “Toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua em que as formas geradoras são enfileiradas segundo suas relações sintagmáticas e associativas” (Saussure 2021, p. 233). A esse respeito, cumpre retomar a indicação feita por

Lemos (1995) segundo a qual “o indivíduo está sempre sujeito a um funcionamento da língua” (Lemos, 1995, p. 15); a relação do falante com a língua está sempre em cena, independente de qual seja o nível de estratificação considerado (fonológico, morfológico ou sintático).

Conforme Pêcheux (1988), portanto, a fala seria “o ponto de fragilidade do edifício saussuriano” (Pêcheux, 1988, p. 245), “o mais fraco elo” (Pêcheux, 1988, p. 245) desse edifício, apresentando-se assim como “fala do sujeito-falante” (Pêcheux, 1988, p. 245). Por contraste, e conforme indiquei em outros trabalhos (Gasparini, 2016, 2018, 2021), se a fala de fato comparece no *Curso* como “um ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 2021, p. 57), como a parte da linguagem da qual “o indivíduo sempre é o mestre” (Saussure, 2021, p. 56), ela não fica completamente subsumida, no âmbito do *Curso*, a uma liberdade individual, ou a um “*caminho da liberdade humana*” (Pêcheux, 1997, p. 71, grifo do autor), conforme Pêcheux pontua em *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. Em minha leitura, a oposição saussuriana entre língua e fala não coloca em cena uma “circularidade ideológica”, mas sim o fato de que não há fala que não se desdobre em estrita consonância com as possibilidades significantes no âmbito da língua, que não pede mais que a diferença. Nesse sentido, não seria possível abordar a fala como “fala do sujeito-falante” (Pêcheux, 1988, p. 245), uma vez que não há fala sem língua, isto é, não há fala que não se desdobre em estrita consonância com a diferença na ordem própria da língua.

Em relação a esse ponto, creio que é frutífera a indicação feita por Pêcheux, em *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, de que

[...] parece indispensável colocar em questão a identidade implicitamente estabelecida por Saussure entre o *universal* e o *extra-individual*, mostrando a possibilidade de definir um nível intermediário entre a singularidade individual e a universalidade, a saber, o nível da *particularidade* que define “contratos” linguísticos de tal ou tal região do sistema, isto é, feixes de normas mais ou menos localmente definidos, e desigualmente aptos a disseminar-se uns sobre os outros (Pêcheux, 1997, p. 73-74).

Nesse ponto de sua argumentação, Pêcheux retoma a oposição saussuriana entre língua e fala e indica que entre o universal da língua e o *singular* da fala há um nível intermediário, qual seja, o nível da particularidade do discurso, referente a “feixes de normas mais ou menos localmente definidos” (Pêcheux, 1997, p. 74). Pêcheux aponta, assim, para uma terceira instância da linguagem, para além da fala e da língua. É nesse sentido que Pêcheux diz ser

indispensável questionar a identidade (estabelecida de forma implícita por Saussure) entre universal e extra-individual: para além da língua, Pêcheux busca delinear outra instância extra-individual, justamente a do discurso. Mas o ponto que interessa destacar aqui é que, nesse ponto de sua argumentação, Pêcheux remete a fala não tanto à perspectiva de uma liberdade individual, mas ao registro da singularidade. Se em *Análise Automática do Discurso (AAD-69)* a fala corresponde, conforme a crítica de Pêcheux, a um “*caminho da liberdade humana*” (Pêcheux, 1997, p. 71, grifo do autor), ela não deixa de comparecer como instância da singularidade individual, distinta da língua (como sistema) e do discurso (como nível da particularidade). Muito embora o que interessa a Pêcheux (1997) seja construir o objeto discurso, não deixa de ser surpreendente que a fala seja preservada por Pêcheux (1997) como espaço de singularidade.

Considerações finais

As discussões realizadas ao longo deste trabalho apontam, portanto, para uma consonância entre Pêcheux e Saussure no que se refere à questão da autonomia relativa da língua (Pêcheux, 1988) e ao nó entre sincronia e diacronia (Saussure, 2021). Conforme indiquei acima, afirmar que a base linguística é dotada de uma autonomia relativa, uma vez que “a separação língua/discurso não era fixada *ne varietur* mas era submetida a uma transformação histórica por um efeito em retorno dos processos discursivos sobre a língua” (Pêcheux, 1988, p. 184), é atualizar a discussão realizada no âmbito do *Curso de Linguística Geral* sobre a “autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico” (Saussure, 2021, p. 139). Em ruptura com a tendência formalista-logicista (que “se dá” a língua como objeto não histórico, na medida em que é tomada como sistema / estrutura) e com a tendência histórica (que aborda a “influência dos fatores sociais” nas transformações do objeto que a tendência formalista “se dá” como primeiro), Pêcheux (1988) propõe a distinção entre base linguística – dotada de uma autonomia relativa, “tendencialmente a mesma” – e processo discursivo como forma de intervenção no campo da Linguística, fazendo trabalhar as contradições que atravessam o campo. Na medida em que, conforme argumentei aqui, Pêcheux (1988) atualiza a discussão sobre a “autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico” (Saussure, 2021, p. 139), pode-se dizer que se Pêcheux rompe tanto com a tendência formalista-logicista quanto com a tendência histórica ao propor que a base

linguística é dotada de autonomia relativa, Saussure encontra-se, de forma antecipada, também em ruptura com o formalismo e o historicismo no campo da Linguística. Nesse sentido, e conforme apontei acima, a Linguística estaria aquém do próprio Saussure.

Conforme também indiquei ao longo da discussão aqui realizada, a consonância entre Michel Pêcheux e Ferdinand de Saussure no que se refere à questão da autonomia relativa da língua e do nó entre sincronia e diacronia se estabelece sem que Pêcheux (1988) recorra de forma explícita às elaborações saussurianas. A atualização da discussão saussuriana por Pêcheux sem menção expressa às elaborações do linguista genebrino contrasta com a crítica explícita de Pêcheux (1988) ao conceito saussuriano de fala, crítica que problematizamos ao longo da discussão aqui realizada. Se Pêcheux se afasta de Saussure ao fazer a crítica ao conceito saussuriano de fala, sua argumentação é tão mais próxima das elaborações saussurianas quando não se refere explicitamente ao linguista genebrino. Seria tal contraste uma indicação de que, conforme pontua Pêcheux, “o pensamento é fundamentalmente inconsciente (‘isso [ça] pensa!’), a começar pelo pensamento teórico” (Pêcheux, 1988, p. 303)?

A levarmos em consideração as ideias avançadas neste trabalho, pode-se por fim dizer que a intervenção de Pêcheux (1988) no campo da Linguística é tão mais significativa e robusta na medida que atualiza o próprio ato fundador do campo. Problematizar a Linguística, assim como o faz Michel Pêcheux em *Semântica e Discurso*, implica atualizar a própria ruptura entre Saussure e as tendências formalista e historicista assim como delineadas por Pêcheux (1988) no campo da Linguística

Referências

- GASPARINI, Edmundo Narracci. Sobre a fala no Curso de Linguística Geral: um caminho da liberdade humana? **Prolíngua**, João Pessoa, v. 11, p. 61-71, 2016.
- GASPARINI, Edmundo Narracci. Michel Pêcheux e Mikhail Bakhtin: leituras do Curso de Linguística Geral. **RevLet- Revista Virtual de Letras**, v. 10, p. 90-107, 2018.
- GASPARINI, Edmundo Narracci. **Língua e lalangue na análise do discurso de Michel Pêcheux**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021
- HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 43–64, 1990.

LEMOS, Cláudia. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de hoje**, Porto Alegre, n. 4, p. 9-28, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F. e T. HAK (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Parábola, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

Recebido em: 21/10/2025; **Aceito em:** 02/12/2025.